

APRESENTAÇÃO

Ana Luiza Carvalho da **Rocha**¹

Hélio R.S. **Silva**²

Iniciamos a apresentação deste número da *Revista Iluminuras* ressaltando suas conexões com o anterior. Os artigos das duas edições foram reunidos a partir da mesma chamada para artigos suscitada pelas discussões travadas no grupo de trabalho que os editores coordenaram na última reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). São trabalhos desenvolvidos em torno do tema, tradicionalmente revisitado, do fazer etnográfico a suscitar problemas e inventar soluções, a questionar a presença e o papel do etnógrafo, as relações entre a observação e os desdobramentos afetivos, biográficos e cognitivos do etnógrafo no campo e pós-campo. Dizer assim só se justifica em texto introdutório e breve, pois o leitor detectará várias outras questões explícitas ou implícitas nos textos que se seguem. Dispensamo-nos, pois, de sobrepor às informações originais quaisquer outras, pois soarão expletivas e redundantes.

Entretanto, mero cruzamento das questões básicas mencionadas sugere dezenas de outros aspectos merecedores de atenção, e algumas precisam ser aqui apresentadas pois compõe a singularidade dos artigos que aqui apresentamos. Difícil, assim - no clima vivido pelos editores de questionamento do tema, com a ampla interlocução estabelecida nos encontros da ABA e a leitura dos vários artigos enviados para publicação – evitar alguns comentários.

O belo texto de Gisela Villacorta, “Retomando uma questão epistemológica e não moral: os imponderáveis da vida real”, que abre este número é uma tessitura em torno dos afetos contraídos no tempo etnográfico, sua perpetuação subjetiva e textual. A memória aí contida refluirá ao campo e fixará para os locais o que passa e o que morre. Nele está contido o tema, também revisitado há algum tempo, das relações entre literatura e

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul e FEEVALE, Brasil.

² Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

etnografia. E de certa forma, neste caso, a dimensão teatral que organiza as cenas do corredor do hospital, do quarto do doente terminal, da igreja e do cemitério. Considerando o “habitar como problema fundamental”, o artigo de Eduardo Pedrosian, “Etnografía prospectiva: el trabajo en la fragilidad, lo incierto y incipiente”, por seu turno, demonstra as estreitas relações entre formas de habitação e “produção de conhecimento etnográfico”.

No escopo de uma reflexão a propósito dos obstáculos que cercam o trabalho de campo, em especial no que tange a relação observador e observado como produtora de conhecimento, temos o artigo “Autoria e autoridade no fazer antropológico: como entende/explicar o radicalmente “Outro”?”, de Melania Farias e as suas considerações sobre o que a autora denomina de “vivência antropológica”. O desafio suscitado pela percepção dessa vivência contém implicações epistemológicas, em meio a outras sugestões que a leitura de seu texto suscita, parece o núcleo do artigo. Ao redor de tal núcleo gravitam descolonização, “deslocamentos” de “objetos de pesquisa” e “sujeitos que observam”, do foco dos pesquisadores, proximidade dos universos etnográficos e, como decorrência o instável regime de mudanças, impondo ao etnógrafo a responsabilidade de considerar as fecundas relações entre “objetividade” / “subjetividade” e “distanciamento” / “proximidade”

A consideração das subjetividades e problemas de entradas e posições no território da pesquisa e seus personagens conduz o texto de Vinicius Esperança Lopes, “Etnografia do etnógrafo”, a uma análise do próprio etnógrafo, o que implica, entre outras implicações, num instigante relato sobre o tema da pesquisa em contextos próximos, mostrando o quanto os episódios violentos marcam o pesquisador biograficamente, o que sobrepõe à experiência da pesquisa do familiar uma espécie de sensibilização prévia, componente e condição de observação. Sem dúvida, as transformações culturais na contemporaneidade abriram um novo paradigma para a atuação dos antropólogos no trabalho de campo, obrigando-os a (re) pensar as fronteiras e os limites da prática etnográfica, é o que nos pondera o artigo de Isabelle de Araujo Lima e Souza e de Ana Luisa Borba Gediel, “Desafios do campo antropológico: o uso do elan e da teoria do embodiment na etnografia”.

Interessante o diálogo que se estabelece entre leitura desse artigo e o texto experimental, de Gabriel O. Alvarez, “Amazon-jap, uma ficção etnográfica”, como o próprio autor o define, e que aglutina ficção, etnografia e história. É preciso notar, no entanto o peso relativo que adquirem no texto. A ficção busca uma reconfiguração dos fatos e processos históricos, dos aspectos sociais e culturais para recuperar dimensões silenciadas por seu trabalho etnográfico.

O diálogo em torno das incertezas do trabalho de campo e os obstáculos epistemológicos a serem ultrapassados na etnografia avança com o artigo de Yoko Nitahara Souza, “Construindo a rede transnacional Uchinaanchu: uma etnografia multisituada” que trata de sua pesquisa com os grupos Uchinaanchu, e na qual a autora recupera a identidade compartilhada de uma comunidade transnacional, dispersa pela China, Japão, Estados Unidos, Peru, Brasil, Argentina, Filipinas, Bolívia e Cuba a partir da ideia de conexões “glocais”.

Certezas e incertezas do trabalho de campo, eis como Jonas Henrique de Oliveira, “Polícia e juventude: conflitos, incertezas e (des)confianças” focaliza as relações cotidianas entre jovens e policiais militares. Seu maior desafio foi o de procurar “compreender os policiais em seus próprios termos, sem necessariamente julgá-los em suas ações. Somente deste modo é possível caminhar entre as incertezas inerentes ao trabalho de campo”.

Sobre os limites e as limitações do trabalho de campo o artigo de Jania Perla Diogénes de Aquino, “Etnografando assaltos contra instituições financeiras: a publicação da pesquisa, seus impasses e desdobramentos”, aborda pontos importantes de sua tese de doutorado, já publicada, “Príncipes e Castelos de Areia: performance e liminaridade nos grandes roubos”, sobre “operações de assaltos contra instituições financeiras e seus protagonistas”. A autora traz à discussão os desafios de penetrar em universos sociais distantes daquele do pesquisador. Sua performance no campo questiona tais limites e limitações. Crimes insolúveis, investigação policial, organizações criminosas e outras menos obscuras – embora sempre problemáticas - como relação observador-observado, que aqui ganha surpreendentes matizes, e questões metodológicas. A discussão sobre a tese e o livro, pela própria natureza do trabalho, ganha novos contornos. Interagindo larga e

intensamente com foragidos, depara-se com a possibilidade de criminalização de sua pesquisa e de sua publicação. Um dos pontos altos do artigo é alcançado pela recepção do trabalho entre os protagonistas desses roubos. De igual alcance, a vida cotidiana dos autores desses feitos, com suas expectativas convencionais, preocupação com educação dos filhos, obediência às convenções sociais.

Percorrendo os meandros dessa problemática chegamos ao artigo de Gabriela da Costa Araújo e Antônio Mauricio Dias da Costa, “Etnografando a praça: os primeiros obstáculos de uma etnografia”, que nos oferece uma reflexão, a partir de trabalho de campo, sobre a questão presente em outros textos aqui reunidos: a pesquisa de proximidade. Em particular, a autora problematiza as motivações para a realização de pesquisa, entrada em campo, desenvolvimento da pesquisa, papel de pesquisadores, objeto de estudo e metodologia. São temas recorrentes. No entanto, é provável que a novidade que sempre traz o retorno a essas questões está precisamente na conexão estabelecida entre sua dimensão genérica aplicada a um trabalho específico. Relação necessária a uma disciplina que se configura a partir da experiência etnográfica.

Nesse sentido, evitar tratar o “eu” e o “outro” como polos antagônicos e a partir dos pressupostos do interacionismo simbólico, a partir de uma etnografia das interações, eis o artigo de Jesus Marmanillo, “Interações fotoetnográficas: o “eu” e o “Outro” na Praça de Fátima – ITZ”, e onde o autor, a partir de Goffman, analisa a relação etnógrafo-nativo, focalizando a paradoxal rotina da imprevisibilidade no trabalho etnográfico, a inserção em campo, condições de produção da informação etnográfica e de pesquisa empírica.

Na sequência, temos o artigo de Adão Souza Borges e Maria das Graças Ferraz, “Narrativas e fotografias: memórias do tempo vivido na ruína “Casa e Bazar Nazaré de Izidoro Cunha Junior”, em Santana do Capim/PA”, que trata de um estudo acerca da memória dos moradores e vizinhos de uma ruína denominada Casa Bazar Nazaré de Izidoro Cunha Júnior na vila Santana do Capim, em Aurora do Pará. O trabalho foi desenvolvido com a proposta de realizar um diálogo entre a memória e a antropologia visual, utilizando a fotografia como recurso capaz de proporcionar narrativas que visibilizem o cuidado que os herdeiros do proprietário da ruína têm com os objetos que simbolizam o seu apogeu,

quando esta era um estabelecimento comercial de grande influência econômica e social para a população ribeirinha no início da década de 60.

Este volume da Revista *Illuminuras* traz também na seção Relatos de Campo Etnográfico o artigo de Artur do Canto Wilkoszinski, “Diálogos da pesquisa com os estudos em Antropologia visual e da Imagem”, para quem as evidências da complexidade e diversidade urbanas estão a merecer “uma revisão epistemológica” no que se refere às práticas de planejamento vigentes. Neste sentido o autor, propõe uma “metodologia de projeto por cenários”. Em sua crítica ao *status quo* do urbanismo, a Antropologia Visual adquire um papel relevante.

Na seção Resenhas, apresentamos as resenhas de Ana Patrícia Barbosa, sobre a obra de Celso Athayde e Renato Meirelles recentemente publicada (2014), “Um país chamado favela”, e de Rafael Aguiar sobre o belo livro de João Miguel Sautchuk, “Um convite a poética do improvisado: prática e habilidade no repente nordestino”, publicado, em 2012, pela editora da Universidade de Brasília.

Por sua vez, na seção Ensaio Fotográfico, apresentamos o trabalho de Lanna Beatriz Lima Peixoto, “O instante líquido, a fotografia e o processo de imersão na vida nas águas”, que teve origem na feitura da sua dissertação de mestrado intitulada “Cidade nas águas – um estudo sobre imaginário em Salvaterra - PA”. Salvaterra é um município localizado no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará, envolvido em águas, teve sua vida cultural, econômica, política estruturada em torno do diálogo entre humanos e os rios. Relação que constituiu um universo aquático rico em imagens, narrativas, saberes e fazeres sobre o lugar habitado, lugar esse aqui entendido a partir da extensão da experiência de moradores da terra para as águas. A dissertação se centrava no processo de formação das imagens e narrativas geradas nos rios da região, considerando seus entrelaçamentos, e o processo criativo que dá sentido a existência afetiva no tempo e no espaço.

Finalmente, para encerrar a publicação convidamos o leitor a adentrar os meandros da entrevista realizada por Hélio R. S. Silva e Felipe Veiga com Marco Antônio da Silva Mello, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense, sobre os desafios do trabalho de campo e as (im) possibilidades de uma “história dos métodos etnográficos”.